

Entre fronteiras e memórias

*Terra sonâmbula*, de Mia Couto

Escrevo-te como quem enterra um caderno no meio das cinzas, à espera de que alguém o descubra e reencontre um caminho.

Talvez estejas aí, à deriva, a tentar perceber onde ficas quando o teu mundo muda de forma. Quando o teu país já não te reconhece. Quando a tua língua tropeça a cada tentativa de explicação. Quando olham para ti como se viesses de um lugar que não devia existir. Quando sentes, profundamente, que não pertences — nem aqui, nem ali.

Se alguma vez te sentiste estrangeiro no teu próprio corpo, então *Terra Sonâmbula* é para ti.

Este livro não é um conto de fadas, nem um manual de superação. Não tem heróis perfeitos, nem finais redondos. Mas, afinal... quem de nós tem isso? Quem, entre os que já partiram — entre os que vivem com a mala meio feita dentro do peito —, pode sequer sonhar com finais felizes convencionais? *Terra sonâmbula* é um livro sobre ruínas — de países, de famílias, de línguas, de corpos —, mas também sobre o milagre silencioso de continuar. De caminhar mesmo quando o chão desaparece.

Mia Couto leva-nos a Moçambique, um país em guerra, um cenário de devastação e perda. Mas o que ele nos oferece não é apenas uma geografia longínqua. É um espelho. É um mapa da alma de quem tenta sobreviver ao impensável. É uma terra de ninguém que, paradoxalmente, se torna casa para todos os que se sentem sem lugar.

Neste romance, Moçambique emerge como um espaço onde o relógio convencional deixou de funcionar. As leis da física e da lógica vergam-se perante o peso do sofrimento coletivo, e a terra parece refletir, nos seus contornos distorcidos, o caos emocional vivido pelas suas gentes. E, neste palco de impossibilidades, surgem personagens que são mais do que simples vítimas da história — são portadores de sonhos, guardiões de mitos, seres capazes de habitar simultaneamente o mundo tangível da guerra e o universo intangível da magia ancestral. É esta dualidade que nos toca profundamente:

reconhecemo-nos na sua vulnerabilidade e, ao mesmo tempo, na sua capacidade quase sobrenatural de encontrar significado no absurdo.

As personagens caminham por uma estrada desfeita, um caminho marcado por cinzas e silêncio. Mas transportam consigo cadernos e sonhos — pedaços de memória, fragmentos de histórias, pequenas verdades que resistem. E tu? Que memórias levas contigo? Que palavras resgataste das cinzas? Este livro ensina-nos que contar é resistir. Que lembrar é, de certo modo, reerguer o que parecia perdido. Que talvez a única coisa que nos salva do esquecimento seja a ficção — essa forma sagrada de transformar dor em fábula.

A escrita de Mia Couto é um assombro. Lê-se como se entrássemos num território sagrado — onde cada palavra tem peso, cheiro, temperatura. Ele não escreve apenas com tinta: escreve com sangue, com pó, com os ossos das memórias que o tempo tentou apagar. Inventa palavras novas porque as que existem já não bastam para explicar o que se sente depois do colapso. Quem passou por alguma forma de exílio — geográfico, emocional ou linguístico — reconhecerá esse gesto: o de tentar dizer o indizível.

Lembro-me da primeira vez que li a abertura do livro. *"A guerra é uma cobra que usa os nossos próprios dentes para nos morder."* Fiquei sem ar. Era isso. Era exatamente isso. A destruição que vem de dentro, o colapso que começa no próprio coração. Eu também vim de um país onde a normalidade era uma *performance*. Onde cada gesto simples — comprar pão, apanhar um autocarro, marcar uma consulta médica — era uma batalha. Saí da Venezuela em 2018. E até hoje carrego essa partida como se fosse um segundo nome. Ainda hoje, quando me perguntam de onde sou, hesito. Como responder? Sou de um país que já não existe. Sou de uma infância que ficou do outro lado do oceano. Sou de memórias que o tempo vai tornando mais distantes.

Sou filha da diáspora. Nasci em Aragua, mas nunca deixei de ser neta da aldeia transmontana. Cresci entre vozes que não se cruzavam: o espanhol ruidoso da cidade lá fora e o português sem tempo do meu avô. Repito, sem saber, os mesmos passos que ele deu décadas antes — partir jovem, cruzar fronteiras, reaprender a existir. Ele, fugindo da ditadura portuguesa, eu, da venezuelana. Gerações diferentes, mas o mesmo desenraizamento. O mesmo

desassossego. A mesma coragem desesperada de quem sabe que ficar significaria desaparecer.

Vivi entre duas línguas como quem caminha sobre uma ponte de corda — a balançar entre pertencas. E foi nesse lugar — esse espaço de quem está sempre entre — que aprendi o poder de um livro.

*Terra sonâmbula* compreendeu isso. Deu nome a esse espaço onde habito: um espaço entre. Entre o que fui e o que estou a tentar ser. Entre a saudade e a reconstrução. Entre línguas, entre culturas, entre identidades. A condição do migrante é, afinal, uma forma de sonambulismo — uma existência em suspensão, entre mundos.

No coração do livro, Muidinga e Tuahir refugiam-se num autocarro queimado à beira da estrada. É ali, entre o medo e o silêncio, que Muidinga encontra os cadernos de Kindzu — e neles, uma segunda história. Um universo paralelo de significado e esperança. Essa construção de histórias dentro de histórias não é mero artifício literário — é uma ponte entre o Moçambique real, ferido pela história, e o Moçambique sonhado, tecido de lendas e possibilidades. Ao entrelaçar estas narrativas, Mia Couto convida-nos a explorar não só o trauma histórico do seu país, mas também aquela dimensão onde o tempo é circular, onde os mortos falam com os vivos, onde a identidade de um povo se recria através dos seus mitos e sonhos coletivos.

Também eu vivo entre dois enredos que nem sempre se tocam: a memória de quem fui e o esforço de continuar. Tal como Muidinga, leio para sobreviver. Leio para construir sentido quando o mundo à volta parece ruir.

A *terra sonâmbula* não é apenas Moçambique devastado pela guerra, mas qualquer lugar onde habitamos em estado de suspensão — entre memória e esperança. Na minha jornada da Venezuela para Portugal, carrego as palavras de Mia Couto como um talismã contra o esquecimento. Como ele escreveu: "*Não é a distância, nem o tempo. É a água que nos separa.*" E, por vezes, como no romance, é precisamente através das palavras que se constroem pontes sobre essas águas — frágeis, mas reais.

Sim, há livros que nos ensinam. Outros que nos emocionam. Mas raros são os que nos acolhem. Que nos dizem: “Entra, há aqui um lugar para ti.” Este é um desses livros. Um lugar. Uma morada provisória para quem já perdeu o chão.

Por isso, se estás cansado de histórias perfeitas, se procuras uma verdade que se sinta na pele — lê.

Se alguma vez te sentiste pequeno diante da vastidão do mundo — lê.

Se já deixaste um país, uma casa, uma infância — lê.

Se nunca partiste, mas tens saudades de algo que não sabes nomear — lê também.

Porque *Terra sonâmbula* não é só sobre Moçambique. É sobre o que nos sobra quando tudo à volta se perde.

E sobre como, mesmo das cinzas, ainda pode nascer alguma coisa.

Este livro não te vai dar um mapa. Mas pode oferecer-te uma bússola.

Talvez te diga: continua. Mesmo aos tropeções.

Talvez te mostre que viver entre dois mundos não é uma maldição, mas uma forma rara de ver. De sentir. De contar.

E talvez a leitura seja, no fim, isso mesmo: a arte de continuar.

De uma leitora que andou perdida

e encontrou, neste livro, um lugar para pousar o coração.

Gabriela Valentina Loreto Mota